

A GENTRIFICAÇÃO NO ESPAÇO URBANO: CURITIBA X SALVADOR

DINIZ, Mariana Pizzo¹
BITTENCOURT, Anne Caroline Fischdick²
MATUSITA, Gabriela Cardias Figueiredo³
MEURER, Sabrina Patrícia⁴
BAVARESCO, Sciliane Sumaia Sauberlich⁵

RESUMO

O presente artigo é uma das atividades propostas para um projeto de pesquisa em desenvolvimento no grupo de pesquisa “Métodos e técnicas de planejamento urbano e regional” – MTPUR, cuja finalidade é compreender a caracterização e a conformação urbana, a partir da óptica do fenômeno da gentrificação nas duas capitais brasileiras: Salvador e Curitiba. Além disso, o presente estudo visa abordar o fenômeno da gentrificação nos centros urbanos através de um recorte temático para o estudo histórico e urbano de ambas as cidades. Tem por objetivo também, analisar o processo da gentrificação como um modo de encarar o desenvolvimento urbanístico, apontando seus benefícios e malefícios para a população, buscando, portanto, uma conexão entre a cidade de Salvador e Curitiba, expondo uma análise do processo de gentrificação em ambas as cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Gentrificação, Salvador, Curitiba, Desenvolvimento-Urbano.

1. INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento das cidades e, conseqüentemente, as mudanças que implicaram na modificação do desenho urbano, algumas áreas precisaram ser remodeladas e revitalizados, tendo-se a necessidade de manter ou adicionar equipamentos urbanos necessários para os moradores da região ou então redirecionar os usos e ocupações de certas edificações. É neste contexto, seguindo um enfoque cognitivo desta evolução, que surge a definição do processo de gentrificação. A gentrificação define-se por um fenômeno de enobrecimento do solo urbano, um upgrade em termos econômicos e culturais, e como, consequência deste fenômeno, ocorre uma valorização imobiliária. Conforme Chamnet (1984) cita Lauriano (2013), conceitua-se a gentrificação como sendo: fenômeno ao mesmo tempo físico, econômico, social cultural, implicando não apenas em uma

¹ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: mpdarquitetura@gmail.com.

² Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: acfbittencourt@outlook.com.

³ Graduada em Administração Geral pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Cascavel – PR. Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: gabicfigueiredo@outlook.com.

⁴ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. E-mail: sabrinameurer08@hotmail.com.

⁵ Arquiteta e Urbanista. Pós-graduada em Design de Interiores e Arquitetura Paisagística. Professora do Centro Universitário FAG e da Faculdade Dom Bosco. E-mail: sciliane@hotmail.com.



mudança social, mas também uma mudança física do estoque de moradias na escala de bairros além de uma mudança econômica sobre os mercados fundiário e imobiliário. Logo, é objetivo deste artigo estabelecer uma conexão entre duas capitais brasileiras, Salvador e Curitiba, e indagar quais foram os benefícios e malefícios para a população do entorno. Com relação à primeira capital, analisar-se-á o Pelourinho, um bairro histórico cuja revitalização trouxe consequências negativas para os moradores do entorno. Já Curitiba, especificamente a Rua Riachuelo, o processo da gentrificação ocasionou uma mudança positiva no comportamento da população que habitava a região.

Assim sendo, o presente estudo enquadra-se no campo da pesquisa histórica interpretativa, e por meio de pesquisas bibliográficas, apresentaremos a seguir um estudo da aplicação prática do processo de gentrificação e suas consequências em dois centros urbanos.

2. O CONCEITO DE GENTRIFICAÇÃO

De acordo com Freitas (2006), a palavra gentrificação tem sua origem do inglês *gentry*, termo destinado a pessoas de classe social alta, nobreza. *Gentrify* é como Ruth Glass, socióloga, chamou o processo de valorização do solo que culminava com o deslocamento de cidadãos de classes mais baixas atraindo, para o mesmo local, aqueles que possuíam melhores condições financeiras, ocorrendo uma “troca”. Essa substituição foi observada pela socióloga inglesa após mudanças ocorridas na região central de Londres⁶, resultando na publicação do livro *London: aspects of changes*, em 1964.

Esse processo essencialmente urbano origina-se com a melhoria física, material ou imaterial de centros urbanos degradados ou antigos, onde, após as mudanças, observa-se a valorização do local. Esse fenômeno urbanístico surgiu em países industrializados no período pós- industrial. Apresentando como principal característica a apropriação de locais, antes ocupados por moradores de baixa renda, pela classe com remuneração elevada. Conseqüentemente, elevando o status da região, beneficiando o comércio, serviços e equipamentos (BATALLER, 2012).

⁶ Atualmente Londres perpassa por um sério processo de gentrificação. A região que abrigou o Parque Olímpico, chamada de East Land, tornou-se alvo de uma grave especulação imobiliária. Um bairro que historicamente foi sinônimo de pobreza e precariedade, hoje tem a sua população local expulsa devido à gentrificação. Para mais informações, acessar: <<http://rioonwatch.org.br/?p=4927>>.

Lauriano (2013) pontuou três etapas da gentrificação segundo as ideias de Neil Smith⁷. A primeira é chamada de esporádica, caracterizada pelo investimento, de alguém com pouco recurso monetário, em um local sem importância financeira. A segunda etapa apresenta o mercado imobiliário como protagonista dos investimentos. O interesse em aplicar recursos em um local justifica-se, nesse caso, pelo benefício representado pelos lucros gerados com o desenvolvimento.

Na terceira fase da gentrificação, conhecida como generalizada, tudo é atingido pelo processo, comércio, ruas, imóveis, equipamentos. Qualificando o local como um lugar onde somente pessoas com alto poder aquisitivo podem sustentar.

Atualmente, além do processo de gentrificação no meio urbano, a área rural tem apresentado modificações e características próprias do fenômeno. Bataller (2006), explica essas mudanças fora dos centros das cidades, pela perda do valor econômico de negócios tradicionais. Assim, o espaço se transforma em matriz para outras atividades, como um local para passar o tempo, ou como opção de segunda moradia. Os estudos sobre gentrificação no âmbito rural, apesar de serem inferiores aos relacionados em áreas urbanas, demonstram que as consequências são similares. Pois os antigos moradores acabam tendo mais dificuldades em ter acesso aos serviços do que os novos frequentadores do local. O artigo, no entanto, terá o estudo voltado apenas para gentrificação no espaço urbano e como esse processo afeta os grandes centros e intervêm em monumentos históricos pertencentes ao patrimônio da cidade em questão.

2.1 A FRAGILIDADE DOS CENTROS HISTÓRICOS E DA POPULAÇÃO

O desenvolvimento das cidades e das tecnologias acaba ameaçando construções, técnicas utilizadas em épocas passadas e a população residente em localidades de interesse do mercado. A ânsia por adquirir as novidades apresentadas pelo comércio, obter sempre o que é mais moderno, acaba ocasionando, como colocado por Castriota (2009), a “destruição sistemática sobre qualquer quadro estável de referências”. Sendo a obsolescência programa, como aponta o autor, uma das grandes responsáveis pelas ideias de necessidades de consumo e insatisfação com o que se tem, culminando com a busca pelo mais moderno em detrimento do considerado ultrapassado.

Nesse raciocínio, Mendes (2011) coloca a gentrificação e os resultados que ela implica como o processo urbano mais visível no progresso das cidades. A condição de ser moderno pode acabar

⁷ Importante geógrafo inglês que pesquisa os processos de gentrificação e das fronteiras urbanas. (SMITH, 2005).

cegando a sociedade e causando ações irreversíveis, como a “substituição social”, como prejudicando os bens históricos que a população possui inseridos no contexto de suas vidas.

A “filtragem urbana”, como citado por Mendes (2011), tem como intuito reestruturar locais antigos que interessam ao mercado imobiliário, deslocando as pessoas de menor poder aquisitivo para as periferias e, em contra partida, aqueles que possuem melhores condições financeiras residem no local reformado. Se as demandas atendidas forem apenas direcionadas aos interesses capitalistas, essa reformulação dos centros históricos pode resultar em ações catastróficas aos moradores da região e aos patrimônios. Pois, além de deslocar os antigos moradores, as reformas dos monumentos antigos podem não serem feitas de forma correta, podendo até resultar da destruição dos mesmo.

Dvorak (2008), ressalta a importância do monumento com o local onde está inserido, da sua relação com o que está presente no lugar, a presença no ambiente. Destacando a beleza transmitida pela combinação transmitida pela obra mais a paisagem.

Porém, Braga (2013) relata sobre a percepção da diferença entre a cidade contemporânea, com suas novas atividades desenvolvidas, e os centros históricos que parecem não pertencerem a essas novas dinâmica (Imagem 01). Dessa forma, as práticas de intervenções urbanas nem sempre são planejadas integrando o antigo com o novo, culminando com o fracionamento urbano, como também, com a desigualdade social. O estudo dos casos de gentrificação no Pelourinho, Salvador e na Rua Riachuelo, Curitiba, demonstra como esse processo pode interferir no cotidiano das pessoas e na transformação da cidade, bem como seus efeitos na economia vinculada a reestruturação do espaço.

Imagem 01: Casa Oswaldo Rodrigues Cabral cercada de prédios.



Fonte: Cássia Rafaela Brum



3 GENTRIFICAÇÃO EM SALVADOR: HISTÓRIA E URBANIZAÇÃO

Com a finalidade de criar um governo único (o Governo Geral do Brasil), o rei de Portugal determina em 1549 a fundação da cidade de Salvador. A intenção era de instalar uma cidade no meio de um litoral amplo, que conseguisse proteger a colônia da ofensiva de outras nações, sendo ao mesmo tempo, capital administrativa e praça forte (PORTELA, 2009).

Salvador teve muita importância durante o período colonial, ela era a segunda maior cidade do Império de Portugal e a primeira capital brasileira, porém após esta fase ela passa por um período de declínio que começou com a mudança da capital do país para o Rio de Janeiro e com o abalo em sua economia açucareira (RIBEIRO, 2015).

Dos séculos XVI ao XVIII, enquanto Salvador crescia como uma cidade comercial e burocrática próspera, o Pelourinho transformava-se no centro da nobreza colonial. Porém a revelação de ouro em Minas Gerais e a falha em afastar as invasões francesas, holandesas e inglesas no sul do país provocaram a mudança da capital para o Rio de Janeiro em 1763 iniciando o processo de decadência do Pelourinho. (NOBRE, 2013)

Segundo Portela (2009), na década de 1960 fatos importantes acarretam um esvaziamento da cidade. Na década de 70, a modificação da administração central do Governo do Estado para a Avenida Luiz Viana Filho, a alteração de parte da administração Municipal para o bairro de Brotas, o fechamento de cerca de 60 estabelecimentos comerciais da área, entre outros, acaba por solidificar o processo de desgaste e deterioração do Centro Antigo. Na década de 80 o estado encontrado já é lastimável com grande parte das edificações estragadas, além da observação e da concordância geral de que o Centro Histórico era um lugar sujo e sem segurança, dando espaço para atividades como o tráfico de drogas e a prostituição.

Entretanto, Salvador nunca deixou de ter sua relevância como principal cidade da região, além de ser frequentemente berço de muitas pessoas importantes que construíram a história brasileira. Atrelado a isso, a capital baiana conta com um abastado conjunto urbanístico, que forma seu centro histórico, conhecido como Pelourinho bem como seu entorno (RIBEIRO, 2015).

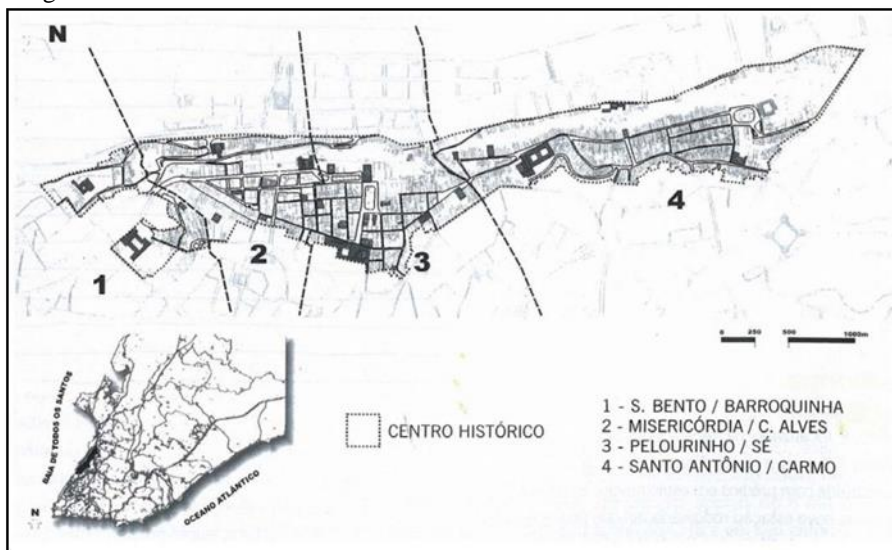
Para evitar este processo de deterioração surgem várias tentativas de recuperação da área, mesmo a partir da década de 1960, culminando na década de 1990, com o projeto de revitalização do Centro Histórico de Salvador (PORTELA, 2009).

3.1 O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

Em 1984, o IPHAN derrubou uma área que hoje acomoda o Centro Histórico de Salvador, este faz parte de uma área maior denominada Centro tradicional de Salvador, que abrange também o Antigo Centro e foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade em 1985. (BRAGA, 2013). Segundo Portela (2009), o centro histórico de Salvador pode ser fracionado em 4 partes, sendo elas: São Bento-Barroquinha; Misericórdia- Castro Alves; Pelourinho- Sé e Santo Antônio- Carmo (Imagem 02).

Em 2005 iniciou-se o debate da proposta de implementação do Plano de Reabilitação do Centro de Salvador, porém foi apenas em 2007 que a Governo Estadual se comprometeu a preparar um Plano de Reabilitação, planejado pelo Ministério das Cidades e envolvendo outros níveis governamentais (MOURAD e REBOUÇAS, 2012).

Imagem 02: Subdivisão do Centro Histórico de Salvador



Fonte: Portela, 2009, p. 73.

Em 2005 iniciou-se o debate da proposta de implementação do Plano de Reabilitação do Centro de Salvador, porém foi apenas em 2007 que a Governo Estadual se comprometeu a preparar um Plano de Reabilitação, planejado pelo Ministério das Cidades e envolvendo outros níveis governamentais (MOURAD e REBOUÇAS, 2012).

Segundo Nobre (2013), este plano ocorreu porque desde a década de 80 houve uma reformulação na política urbana de várias cidades brasileiras e os órgãos públicos começaram a se preocupar mais com as questões mercadológicas, visando a criação de empregos e estimulando o



desenvolvimento econômico. O processo de gentrificação passa a ser incentivado pelos governos locais, que começam a conceder incentivos fiscais e urbanísticos aos investidores e comerciantes dos locais até então degradados.

No que diz respeito à criação de paisagens de poder, Barros e Pugliese (2008) ressaltam que é importante observar que a maioria das casas reparadas foram trocadas por lojas de souvenir, bares, restaurantes típicos, galerias de arte, museus ateliês e casas de espetáculos. As mudanças físicas e estéticas do Centro Histórico de Salvador são nítidas como observadas nas imagens 03 e 04.

Entretanto, apesar das benfeitorias físicas ocorridas, o método de gentrificação do centro histórico de Salvador acarretou a expulsão ordenada das pessoas que ali viviam, as quais tornaram-se indesejáveis, já que o estado se apropriou de bens tombados para torná-lhes particulares e satisfazer os negócios da especulação imobiliária. (BARROS E PUGLIESE, 2008).

O centro Histórico da capital baiana sofre interferências desde o começo da década de 70, e como consequência deste fenômeno houve um afastamento dos moradores menos favorecidos daquela área, dando origem a um tipo de urbanismo excludente que dá prioridade as no cenário urbano visando o turismo, e acaba por desapropriar os moradores habituais (MOURAD, FIGUEIREDO e BALTRUSIS (2014).

O governo utilizou como justificativa para a retirada destas pessoas de sua casa, o fato de que as edificações daquela área eram Patrimônio da Humanidade e que precisava de restauração. Consequentemente os antigos músicos, terreiros, capoeiristas, prostitutas e pequenos comerciantes foram substituídos por grandes empresários, joalheiras, franquias, etc.; ou seja, eles priorizam a atração de grandes empreendimentos que voltam-se para o turismo em detrimento da conservação do componente humano (BARROS E PUGLIESE, 2008).

Imagem 03: Centro histórico de Salvador antes da Gentrificação.



Fonte: Site observatório das Metrôpoles

Imagem 04: Centro histórico de Salvador após a Revitalização- Gentrificação.



Fonte: Site Cronologias do Urbanismo.

4 GENTRIFICAÇÃO EM CURITIBA: A HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO

Em 1943 com o Plano Agache, a história formal do planejamento urbano inicia. Também conhecido como o Plano Diretor de Urbanização de Curitiba, estabeleceu normas e diretrizes para organizar o crescimento da cidade, com ênfase no zoneamento das funções urbanas e no tráfego. O plano também era conhecido como Plano das Avenidas, por estabelecer princípios de circulação, crescimento para a cidade e interligar os diversos centros propostos (INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA, 2015).

Segundo IPPUC (2015), além de dividir a cidade em zonas: industrial, comercial, residencial e agrícola, como parte integrante do novo Código de Posturas e Obras, o novo

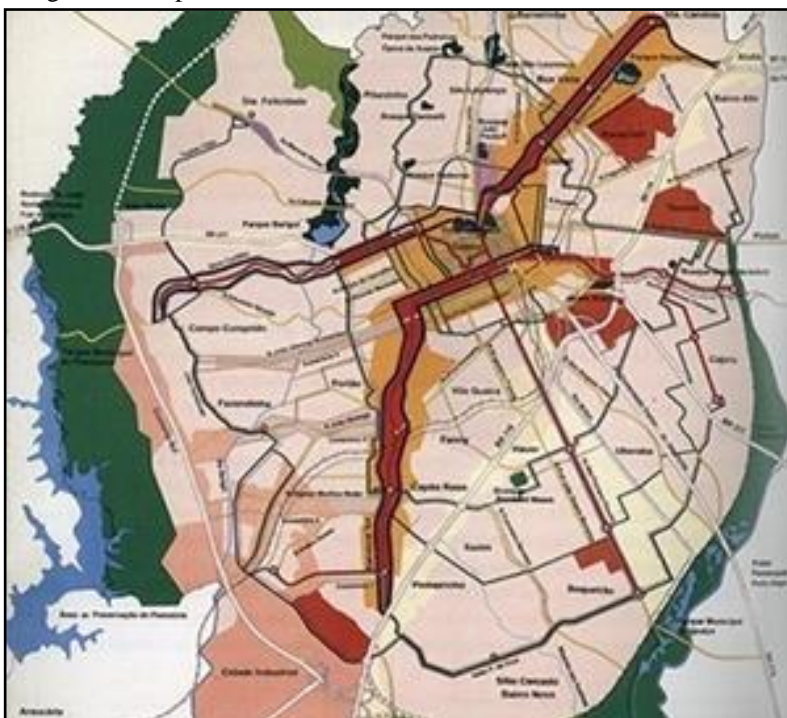
zoneamento propõe, com a criação de um departamento de planejamento e urbanismo, uma reestruturação administrativa. No ano de 1962, o então prefeito de Curitiba Ivo Arzua, consegue um financiamento para criar um Plano Diretor, acontecimento que culminou com a criação do Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano de Curitiba (IPPUC).

Em 1964 nasce o Plano Preliminar de Urbanismo, através do concurso público onde as empresas paulistas, Jorge Wilhelm Arquitetos Associados e Serete Engenharia S.A, ganharam. Com a legitimação de um modelo claro de extensão urbana, propondo modificações na estrutura da cidade. Para a contenda da declaração com a população, são feitos debates públicos em 1965, no Seminário Curitiba de Amanhã, e em 1966, o Plano é enviado para a Câmara Municipal, sendo aprovado e tornando-se o Plano Diretor de Curitiba (IPPUC, 2015).

De forma sistemática, as instruções do Plano Diretor norteiam o procedimento de desenvolvimento da cidade, e estão concentradas em três cargos básicos: Uso do Solo, Transporte Coletivo e Sistema Viário. A hierarquização do sistema viário, a regulamentação dos loteamentos, o zoneamento do uso do solo, a renovação urbana, a preservação e revitalização dos setores históricos tradicionais e a oferta de serviços públicos e equipamentos comunitários, são modelos destas normas (IPPUC, 2015).

Segundo Souza (2001), foram criados dois eixos: nordeste – sudoeste e leste – oeste, como mostra na imagem 05.

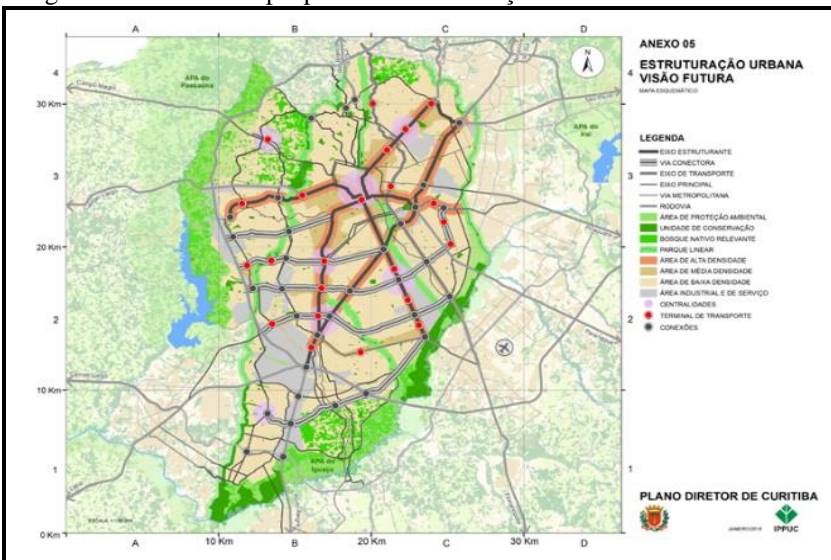
Imagem 05: Mapa dos eixos viários de Curitiba, Paraná.



Fonte: Vitruvius

Atualmente, o Plano Diretor ainda passa por alterações visando a melhoria do desenvolvimento da cidade, as novas propostas (Imagem 06) são disponibilizadas no Portal da Prefeitura de Curitiba.

Imagem 06: Uma nova proposta de estruturação



Fonte: Portal da Prefeitura de Curitiba

4.1 O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO NO “NOVO CENTRO” DE CURITIBA E A RUA RIACHUELO

Crestani (2015), coloca que por ser a primeira via curitibana, a Rua Riachuelo também foi um eixo planejado, com conexão ao litoral no século XIX, motivando a associação de atividades comerciais e consequentemente o aumento do investimento público. Assim, em 1885, a proximidade com o Mercado Municipal e a inauguração da estrada de ferro e do Passeio Público em 1886, atraiu para a rua a população local e de serviços, tornando-se cenário da construção de novos hotéis, serviços e comércios administrados por imigrantes (Imagem 07).

Imagem 07: Obras de colocação dos trilhos dos bondes na Rua Riachuelo.



Fonte: acervo casa da memória. Coleção Júlia Wanderley (Boschilia, 1996).

Devido a mudança do sistema de transporte público, o foco de investimentos se redireciona para outras regiões da cidade, o que influenciou na degradação da rua Riachuelo, tornado – se associada, em 1970, a prostituição e ao mercado de drogas, onde se agravou com o avanço do crack (CRESTANI, 2015).

Quando o projeto “Novo Centro” foi lançado, em 2008, a região central retornaria a ganhar um horizonte de sua reforma. A Rua Riachuelo foi admirada no projeto como uma das primeiras a ganhar as modificações, estando entre várias estruturas históricas de relevância patrimonial e vias que estabelecem o funcionamento da cidade. O Paço Municipal foi restaurado, sendo um marco do início da reforma urbana (CRESTANI, 2015).

Seria intensamente associado a variação das regulamentações de uso do solo o enobrecimento da rua, onde as políticas admitiriam modificações drásticas quanto ao padrão de apropriação da área com relevância patrimonial. Em meio as fachadas históricas, grandes torres habitacionais começaram a surgir, como marketing de apreciação do empreendimento, como mostrado na imagem 08 (CRESTANI, 2015).

Imagem 08: Incorporadora Imobiliária sobre o Projeto.



Fonte: As Faces (In) Visíveis da Regeneração Urbana: Rua Riachuelo e a Produção de um Cenário Gentrificado.



Para Crestani (2015), não como um fenômeno inesperado, mas a divulgação da Riachuelo como um cenário de gentrificação engendrada, é notório entre; as táticas norteadoras das políticas públicas que atuam sobre o projeto e a maneira como os atores privados sugerem a modificação do cenário socioespacial instrumentalizado pelo poder público.

Fica evidente que nesse procedimento há um discurso induzido de “emburguesamento”, mesmo existindo uma melhoria essencial nas condições de infraestrutura e de paisagem urbana que preservam a Rua Riachuelo, como modo de aprovar uma propriedade territorial que rebata a uma nova ordem econômica, social e cultural, a troca por uma “nova onda” populacional é buscada. Há a transferência da preocupação com a remição do valor patrimonial e do significado original do espaço urbano, para a busca “primordial” de substituição social que afirma, no espaço urbano, traços expressivos de diferenciação social (CRESTANI, 2015).

5 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste artigo, de cunho bibliográfico se deu por meio da coleta de fontes secundárias, ou seja, materiais publicados que possuem uma relação com o tema em estudo. Esta metodologia foi escolhida, pois, ao analisar os textos resultantes de pesquisas e as imagens constituiu-se uma base de dados ampla para o estudo do fenômeno da gentrificação e estabelecer uma conexão entre as duas cidades exemplificadas. Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, busca-se “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.183). De acordo com Ludke (1986) e Santos (2000) ainda, a pesquisa bibliográfica trata-se de uma técnica de pesquisa que visa o levantamento de fontes escritas ou iconográficas já publicadas que corroboram para a fundamentação de um texto.

6 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Considerando o fenômeno da gentrificação como um processo ao mesmo tempo físico, social e cultural de enobrecimento do solo, ocasionando a valorização imobiliária, segundo Lauriano (2013), pode resultar em diversos benefícios para a população do entorno, porém, ao mesmo tempo, pode gerar certo desconforto e sensação de não pertencimento para os habitantes do bairro ou região.

Segundo as informações confrontadas no texto, Salvador e Curitiba são duas capitais cujas áreas históricas sofreram o processo da gentrificação. No entanto, este fenômeno resultante da revitalização das duas cidades tiveram consequências peculiares, com resultados positivos e



negativos. No primeiro estudo, o centro histórico do Pelourinho, em Salvador, Bahia, analisa-se os impactos da revitalização e o conseqüentemente processo da gentrificação como fatores negativos. Deve-se isso ao fato de que o comércio local, músicos, vendedores ambulantes, capoeiristas, entre outros, foram substituídos por empresários capazes de fazer altíssimos investimentos na região, elevando o valor imobiliário e os custos de vida. Segundo Barros e Pugliesse (2008), o Pelourinho tornou-se um bairro elitizado, que excluiu sua população de origem local.

Em contrapartida, na cidade de Curitiba, o processo de revitalização da Rua Riachuelo, a primeira rua pavimentada da capital, resultou em benefícios para a população, no entanto, algumas ressalvas foram implementadas pelos governos para evitar a desvalorização da população da região. Segundo Crestani (2015), a atuação do poder público como supervisor dos investimentos da iniciativa privada, fornecendo aos moradores todo o suporte e adaptação para a nova região revitalizada, tornando o processo de gentrificação positivo para toda a população.

Assim sendo, esta pesquisa possibilitou a compreensão dos aspectos positivos e negativos que podem ser resultantes da gentrificação e enobrecimento de uma região. Apesar de se tratarem de capitais distintas culturalmente, economicamente e socialmente, a proposta de revitalização e melhora foi implementada em ambas, uma resultando em aspectos negativos, já a outra elevando a qualidade de vida dos moradores da região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposta inicial no projeto de pesquisa, ora em desenvolvimento, propôs-se a identificação e a conceituação do processo de gentrificação, a partir da compreensão de dois exemplos práticos em capitais brasileiras, Salvador e Curitiba.

Além disso, foi objeto de estudo e análise a pesquisa histórica referente ao surgimento do processo histórico e da urbanização destas duas cidades, apontando os principais eventos que contribuíram para a formatação do desenho urbano e a sua modificação após a revitalização.

Conclui-se, dessa forma, que o fenômeno da gentrificação compreende o enobrecimento do solo urbano, um upgrade em termos econômicos e culturais, e como, consequência deste fenômeno, a valorização imobiliária. De maneira prática o processo da gentrificação trata ao mesmo tempo de quesitos físicos, econômicos, sociais e culturais, implicando não apenas em uma mudança social, mas também uma mudança física do estoque de moradias na escala de bairros além de uma mudança econômica sobre os mercados fundiário e imobiliário.



Considera-se, portanto, que a gentrificação, é em sua essência, um estudo e modificação da cidade como *habitat* humano enobrecendo suas formas, considerando que o homem modifica e altera o seu entorno a todo o instante. Porém, esta valorização deve ocorrer ao mesmo passo que a população também a acompanha e é beneficiada, a exemplo, a cidade de Curitiba.

Para se inserir ou alterar os espaços urbanos, com o intuito de trazer melhorias na qualidade de vida da população que ocupa estes centros, há profunda necessidade de conhecimento e compreensão dos meios urbanos e da dimensão social, política e econômica de sua importância.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. N.; PUGLIESE, V. S. **Desapropriação das Memórias Indesejáveis**: opressão e resistência no centro histórico de Salvador. Universidade Federal de Brasília, 2008. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/viewFile/7022/4998>. Acesso: 11/11/2016.

BATALLER, M. A. S. O estudo da gentrificação. **Publicado originalmente na Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales (ISSN 1138-9796)**, Universidad de Barcelona - nº 228, 3 de mayo de 2000, com o título El estudio de la gentrificación. Tradução de Maurilio Lima Botelho (UFRRJ).

BRAGA, P. M. **Intervenções Urbanas em Áreas Centrais Históricas**. Paisagens particulares versus a banalização da paisagem. Contradições entre preservação do patrimônio cultural e promoção do turismo em intervenções realizadas no centro histórico de Salvador e no Bairro do Recife. Tese (doutorado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo – São Carlos. Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CRESTANI, A. M. Z. **As faces (in)visíveis da regeneração urbana: rua Riachuelo e a produção de um cenário gentrificado**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cm/v17n33/2236-9996-cm-17-33-0179.pdf>. Acesso em: 08/11/2016.

DVORAK, Max. **Catecismo da Preservação de Monumentos**. Tradução: Valéria Alves Esteves Lima. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

FREITAS, C. M. **A reconquista do centro: uma reflexão sobre a gentrificação de áreas urbanas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

IPPUC. **Instituto de pesquisa e planejamento urbano de Curitiba**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/>. Acesso em: 08/11/2016.

LAURIANO, W. **Gentrificação: Estratégias de enobrecimento do solo urbano. Dos tijolos de barro no subúrbio paulistano aos blocos de Brasília**. 2013. Dissertação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, UnB, Brasília.



LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, L. **Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado**. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 473-495, jul/dez 2011.

MOURAD, Laila N; REBOUÇAS, Thais de M. **Considerações Acerca do Plano de Reabilitação do Centro Antigo de Salvador**. Salvador, 2012. III Seminário Internacional Urbicentros. Disponível em: www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST252.pdf. Acesso em: 11/11/16.

MOURAD, Laila; FIGUEIREDO, Glória C.; BALTRUSIS, Nelson. **Gentrificação no Bairro 2 de Julho em Salvador: modos, formas e conteúdo**. Salvador, 2014. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cm/v16n32/2236-9996-cm-16-32-0437.pdf . Acesso em: 12/11/2016.

NOBRE, Eduardo A. C. **Intervenções Urbanas e Salvador: Turismo e Gentrificação no Processo de Renovação Urbana do Pelourinho**. X Encontro Nacional da AMPUR, 2013. Disponível em: labhab.fau.usp.br/biblioteca/textos/nobre_intervencoes_urbanas_salvador.pdf. Acesso em: 05/11/16.

Portal da Prefeitura de Curitiba. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/> Acesso em: 08/11/2016.

PORTELA, Marcus Baruch. **Carmo e Santo Carmo além do Carmo Reflexos do Processo de Revitalização do Centro Histórico de Salvador**. Dissertação de mestrado Universidade Católica de Salvador, 2009. Disponível em: tede.ucsal.br/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=156. Acesso em: 05/11/2016.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento científico**. 3. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SMITH, Neil. **The New Urban Frontier: gentrification and the new revanchist city**. 2.ed. Routledge: London and New York, 2005.